



CIRCASSIANOS

Fazem parte estes povos da turbulenta população do Caucaso, que os Russos não conseguiram subjugar nunca, e sobre os quaes exerceram ha pouco uma d'aquellas terriveis vindictas, que tem feito o nome de Russo execrando a todos os amigos da humanidade e da civilisação.

A sua historia é um pouco obscura, principalmente nas suas origens. Suppõe-se que a Circassia occidental devia fazer parte do antigo reino da Colchida, e, depois, do Bosphoro Cimmeriano. Sobre a parte oriental d'este paiz ainda são mais vagas as conjecturas. Conquistou-o Mithridates, e quando o grande rei teve de curvar o collo á fortuna de Roma e á de Pompeu, entrou a Circassia na vasta lista dos dominios romanos, fazendo parte do imperio do Oriente, quando se bipartio o colosso. Comtudo os imperadores byzantinos não foram mais felizes do que os czares de S. Petersburgo; o seu dominio n'essas regiões remotas do imperio foi sempre nominal. Quando veio a invasão dos barbaros, coube aos terriveis Hunos subjugar a Circassia. Succederam-lhes os Khasares, contra os quaes estes povos se sublevaram, com fortuna varia, no seculo onze da nossa era. Depois vieram

os Turcos da Persia e os reis da Georgia, depois Tamerlão, depois os kans da Criméa, depois finalmente os russos, que entraram como aliados, e quizeram ficar como conquistadores. Não lh'o soffreram os Circassianos, sempre turbulentos e indomaveis, e voltaram a sujeitar-se aos Tartaros da Criméa. Mas estes principiaram a commetter exações; eis de novo os Circassianos em revolta, e implorando a protecção da Porta Ottomana, cujo dominio acceitaram, sem comtudo lhe pagarem o mais leve tributo.

Como os leitores hão-de ter notado, os diferentes dominios estrangeiros a que os Circassianos se sujeitaram, nunca foram senão quasi exclusivamente nominaes. Quando os seus senhores queriam reivindicar os seus direitos, os audazes montanhezes refugiavam-se nos seus serros inacessiveis, e d'ahi desafiavam impunemente os exercitos, que pretendiam subjugal-os.

Mas ainda aqui não pararam as vicissitudes politicas da Circassia. Em 1739 a Circassia foi proclamada independente, em virtude da paz de Belgrado, afim de servir de baluarte á Russia. Mas os Circassianos, que defendem obstinadamente a sua independencia individual, porem que pouco se importam com a sua autonomia de nação, uniram-se de novo á Criméa, que, rendendo vassalagem

à Turquia, tornou dependentes da Porta Ottomana estas populações que se lhe tinham ligado.

Em 1774 perdeu de todo o sultão, em virtude das conquistas de Catharina da Russia, a sombra d'authoridade que exercia sobre estas provincias montanhezas. Em 1789 passaram ellas definitivamente a fazer parte do imperio moscovita.

Começou então uma nova era para a Circassia. Até ahí os povos, que a tinham dominado, só de longe a longe tentavam transformar em realidade essa ficticia suzerania. A Circassia revoltava-se, sacudia o jugo, collocava-se debaixo da protecção d'outro paiz, e acabava tudo. Com a Russia não succedeu o mesmo; a Russia tentou a sério estabelecer o seu dominio, e a Russia não era paiz que desistisse das suas pretensões perante a insurreição d'um povo pequeno, ainda que atrevido. Os Circassianos entenderam que não deviam alterar por caso algum o seu velho systema. D'ahi provieram as longas e continuadas guerras, que ainda ha pouco terminaram... se terminaram, e se a medida horrivel, adoptada pelo governo russo, de arrancar populações inteiras á sua terra natal, e populações que têm tão desenvolvido o amor da patria, e de as transplantar para outro solo, para outros climas, obrigando-as a outro genero d'existencia, fez mais do que annullar por algum tempo a insurreição, exacerbando com tudo os odios, que, em chegando a occasião propria, se reacenderão com nova furia.

ESBOÇO DESCRIPTIVO DO MAR

I

É o oceano a imagem grandiosa do mysterio e da solidão. Que espectáculo sublime o contemplar pela primeira vez esses plainos liquidos, cuja superficie ora se ostenta brilhante e reluzente como um espelho cristallino apenas encrespado de leve pelas ondas arquejantes, ora se enturva e rebrama, erguendo montanhas de agua que tumultuam, gemem e luctam e se estorcem em vascas de desespero, e afinal, tritões prostrados, beijam frementes os rochedos da praia!

O mar é o symbolo da immensidade e da força ingente; louco, vertiginoso.

É no mar que a natureza é verdadeiramente terrifica aos olhos do homem.

No oceano é tudo grande, é tudo gigante e respeitavel.

Todos os phenomenos maritimos teem uma feição grandiosa e profundamente mystica, e a alma quando vòia por sobre as limpidas solidões oceanicas, como que se dilata no sanctuario da terra.

Quem ha ahí, que não tenha contemplado o pôr do sol no mar, em tarde limpida de estio?

O rei do universo, o astro-lampadario vae descendo para o oriente. As vagas tumultuam e dobram docemente a simbria espumosa para receber no seio o planeta. Dissereis um bando de huris arquejantes, que se alindam e enfeitam para darem guarida ao sultão luminoso. Eil-o emfim que mergulha. Retingem-se as aguas com os derradei-

ros clarões. Forma-se a auréola na extrema do horisonte. As ondas pulam e bailam e refrangendo a luz nos seus crystaes liquidos, enrubescem-se, corôam-se de pedrarias. A athmosfera parece um rio de fogo, as nuvens, diaphanas qual bafejar de archanjo, precipitam-se no mar e seguem o rei do dia. No zenith reina ainda o fulgor igneo e relampejam reflexos brilhantes.

As sombras não surgem ainda no oriente, e mal ousam tufar o seu negro manto.

Não brilham estrellas. Tudo é placidez e socego. Nem um só murmurio. Só a brisa da tarde ciccia medrosa na espessura e os passarinhos soltam os ultimos quebros.

Vae mergulhando entanto o astro do dia. É lento o seu caminhar. O globo afogueado deixa um hemispherio com saudades, para illuminar o outro.

E o mar continua no seu tumultuar, e as ondas gemem e soluçam.

Desapparece emfim o astro radioso; desfaz-se o sulco da luz no firmamento, apparecem as primeiras sombras, as estrellas scintillam a medo, os pyrilampos, essas estrellas das campinas, reluzem nas selvas e sarças, a callada da noite é interrompida pelos mil rumores do estio. Volitam insectos multicores, aninham-se passaros nos recessos sombrios, affloram reptis nos relvados, graşnam rãs nos paues, cruzam-se immensos ruidos surdos, profundos, vitaes, até que chegue a hora do repouso, que é tardia nas nossas latitudes, durante o verão.

Quem não dirá então como Castilho, que *pintou* o pôr do sol, quando escreveu após intima e profunda elaboração aquelle cantico que começa:

*Sumiu-se o sol esplendido
*nas ondas rumurosas.

Mas quantas vezes, mal o sol se some nos plainos do oceano, não surge a lua radiante e formosa, illuminando a terra com os seus raios pallidos! Muda então o mar de aspecto.

Rebrilham ao longe as vagas endoidadas brincando na orla do horisonte.

Os rochedos, que circumdam a praia-projectam sombras phantasticas nas aguas, que se embalam docemente e beijam preguiçosas a areia. A imaginação povoa as solidões de seres fabulosos, e sereias, que descantam, no silencio da noite, toadas maviosas e plangentes. Debalde intentam os olhos rasgar as profundezas do abysmo. O espectador fica aterrado, absorto, attonito.

Outras vezes, a estes espectaculos já de si tão grandiosos, succede a ardentia, essa phosphorescencia do mar, esse relampejar entre particulas de agua. Este phenomeno, que ainda hoje é revel à sciencia, posto que tenha excitado a attenção de todos os grandes naturalistas, ostenta-se maravilhoso e produz não sei que suavissima impressão em quem o contempla.

Não é fito meu, nem caberia nas estreitezas de um artigo, o fallar, se bem que perfunctoriamente, das mil e uma maravilhas do mar. Para obra de tal magnitude, se por ventura a tanto podesse aba-

lançar-me, carecera de escrever um livro, ou antes um poema, entre os muitos que a natureza encerra nos seios vastíssimos, cada vez mais opulentos, á medida que a sciencia vae dilatando os seus dominios.

E que bello e formosissimo livro não seria esse se alguém o escrevesse! Que de thesouros não encerrara! Que magnificencias!

Quando as vagas tumultuam e se contorcem em impetos raivosos, quando erguem o collo e ondeiam e se enroscam, como serpentes liquidas tauxiadas de côres esverdeadas; quando cingem os rochedos e os coraes madreporicos, resfolegando, gemendo e cuspidando espuma na praia; quando no meio d'esse combate, em que a tormenta ronqueja nos ares revoltos, se alevantam mil rumores sinistros de estrago e morte; quando aos gritos da natureza enraivecida respondem os gemidos dos homens, que luctam e disputam a vida em pleito desigual; quando a tromba se balouça por sobre a crista da onda, e qual cetaceo invisivel, sorve a agua aos repuxões, arrastando o navio imploravelmente; quando o bulcão estruge a athmosphera e corre, como visão infernal, a superficie dos mares, quando o mareante contempla todos estes phenomenos e escapa incolume a tantos perigos, que sublime epopéa não traz consigo? Da mesma sorte que Camões, esse mareante salvou um poema, bem sentido, bem verdadeiro.

Mas afóra estes, que de espectaculos ainda, cada qual mais grandioso! Na zona temperada do norte o *gulf-stream*, esse rio de mar, esse Mississipi do atlantico, vastissima corrente de agua tépida, que vae das costas da Inglaterra ao golpho das Antilhas, passando pelas ribas de Portugal.

Mais ao norte o *Maelstrom*, essa corrente fatidica, esse tragadouro medonho, que tem engolido tantas victimas, esse redemoinho, aonde habitam, segundo é pia crença de bandinaria, os inimigos dos homens.

Nas regiões hyperboricas os mares gelados, os amphitheatros e circos de neve eterna endurecida pelos seculos, cinta funebre, que envolve a terra e tolhe a vida nas suas manifestações mais singelas. Um pouco para o sul, em latitude menor, entestando ainda com os corucheus e miranetes de gelo, com as immensas molles de agua solida, perpetuamente fixas e quedas, estanceiam as ilhas fluctuantes, que estalam com ruido, mal assoma o primeiro alvor do dia de seis mezes, e vão mudando de forma e posição correndo aos baldões, arremessando-se e desfazendo-se, para se formarem de novo. É ahí que as geleiras septemtrionaes se entumecem e encham o espaço de sinistros rumores, é ahí que esses rios de neve, moendo e triturando rochedos, desembocam no oceano angustiado, é ahí que o movimento desordenado e medonho começa, precedendo a vida.

Já os ursos do norte vão apparecendo e preiando algum cetaceo, que o frio colheu de subito, no começo da longa noite; affloram lichens por entre os rochedos fendidos; bandos de lobos famintos e esguios abrem as fauces, e uivam na so-

lidão; o esquimáu já estende as rétes, e nos charcos e paues da Laponia mais septemtrional expande-se a vida após tão largo somno.

Na Irlanda ergue-se um vulcão do meio do mar e, da mesma sorte que na Italia, vóam as cinzas para o mar, aonde caem rios de lava.

Deixemos porém o septemtrião.

Aguarda-nos o equador. É a vida ahí excessiva e gigante. Nascem as tormentas por encanto, as ondas entumecem-se, os furacões derribam florestas e casarias depois de sulcarem o mar.

Mais além começam as correntes austraes.

O Cabo da Boa-Esperança, o cyclope de Camões, estende os rijos membros, e solta os eternos lamentos, que echoam nos rochedos da montanha da *Meza*. São medonhas as correntes que passam ao longo do cabo; arrastam navios e deitam-n'os na costa; engolem victimas no abysmo undoso, como que vingando-se da audacia humana, que ousou devassar os segredos da solidão.

Para o oriente, no oceano indico, que os mareantes chamaram oceano Pacifico, os cyclones e tormentos girantes começam a sua carreira insensata. Nada lhes resiste.

O navio, que acerta de encontrar, por desgraça, um cyclone, um d'esses tufões medonhos, difficilmente escapará ao naufragio.

É ahí que os coraes, esses humildes architectos de mundos, esses artifices phantasiosos, erguem ilhas e archipelagos. Quantas vezes não encontra o mareante uma bacia placida e socegada no meio do oceano em furia? Quantas vezes não topa com um abrigo providencial, se teve a ventura de não se despedaçar contra os gumes afiados dos coraes? É que estes obreiros infatigaveis zombando do oceano, vão erguendo desde o fundo altissimas paredes a pino, duras e compactas, até á superficie! Milhares de annos levam elles em obra tão grandiosa. Mas saiu-lhe perfeita a fabrica, e o seu destino é construir. Venha depois um vulcão que alevantando o banco lá do fundo, desfaça e oblitere a intemperie algumas arestas mais vivas; forme-se um pouco de pó, que se deposite em concavos mais abrigados; caiam ahí algumas sementes trazidas pelo vento; nascem lichens e ontras plantas rudimentares, e teremos um principio de vida. Depois, esses lichens, secando e apodrecendo, formarão um terreno vegetal, que se combina com os detritos inorganicos; surgirão coqueiros, palmeiras, fetos gigantes e gigantesas trepadeiras. A vegetação tropical cobrirá a nova ilha de basta espessura: as chuvas tornar-se-hão regulares, cada anno se formam novos terrenos e a floresta irá ganhando e prosperando. Virão passaros canoros aninhar-se n'aquelles recessos umbrosos, encontrar-se-hão riquezas e thesouros e afinal a vida só acaba, quando o europeu ou americano, arrastado pela sede do ouro, puzer machado ao tronco das arvores, e desnudar a terra, que só muito tarde poderá refazer-se, sob aquella athmosphera abrazadora, sem chuvas que a desalterem e refresquem.

Com o arvoredó acaba a vida.

E não param aqui ás maravilhas do oceano.

Além das correntes, que cingem o globo como demonstrou o celebre capitão Maury, e vão do cabo da Boa-Esperança ao cabo de Horn, atravessando todo o Pacifico; esquecendo as gelidas solidões que se dilatam por detraz do Erebe e Terror até ao polo austral, que nunca foram devassadas por descobridor; não levando em conta todos os phenomenos, que se patenteiam na superficie do mar, outros e certamente mais admiraveis ainda, se verificam no interior do oceano, n'essas moradas esplendidas, aonde os gregos puzeram Neptuno com o seu cortejo de deuses marinhos, naiades e nerines, Proteu com o seu rebanho, Amphitrite com as suas nymphas.

A natureza excede a imaginação. No interior do mar expande-se formidavel e opulento o drama da vida. Ha lá florestas e sarças impenetraveis; ha lá vegetações luxuriantes, algas immensas. Milhares de especies de animaes povoam aquelles recessos crystallinos desde o cetaceo gigante até ao humilde infusorio.

Tambem lá resfolgam vulcões e arrojam lavas candentes; tambem lá se erguem montes, se angustiam gargantas e dilatam valles; tambem lá se travam combates em que o mais fraco é victima do mais forte; tambem lá o rythmo da vida se desentranha em harmonias perennes.

Mas a sciencia ainda não pode devassar todos esses segredos.

Muito se sabe já; muito porém se ignora ainda, e para sempre talvez. Nos seios do oceano é difficil e muitas vezes impossivel a observação, e sôra necessario um cataclysmo horrendo, em que todos houveramos de perecer, para que o leito do mar ficasse a descoberto.

Do que se sabe irei eu apresentando aqui o que me parecer mais util e curioso. Ordem e methodo não são de grande necessidade, quando a sciencia ignora ainda tanto. Esforçar-me-hei comtudo por ser resumido e breve, sem me tornar obscuro.

Difficil é escrever sciencia para quem deseja aprendel-a sem trabalho.

Nem todos os paladares apetezem estas iguarias, que algumas vezes tem muito travo. É o caso de illudir difficuldades, fugindo-lhes com o corpo por evitar desdens de leitor indolente.

Certo que os leitores do *Panorama* são pessoas muito asisadas, de bom conselho e amantes da instrucção. Bem o sei, e não me atrevera a negar o que deve de ser piedosa fé. Mas, não é menos evidente que o commum dos paladares prefere prostes e iguarias, ainda que de somenos alimento, comtanto que tenham bom preparo.

Ora ahi é que está a difficuldade.

Preparar sciencia popular é condão dos grandes talentos.

Em todo o caso, são lantãs e tão magnificas as maravilhas do oceano, os espetaculos do mar são tão grandiosos, que fallam de persi, e estão exigindo attenção e estudo dos mais remissos.

Será pois o oceano o campo das nossas pesquisas. É immensa a ceara. Podemos respirar á von-

tade, que não ha limites nem barreiras para a nossa curiosidade... senão o desconhecido.

A. OSORIO DE VASCONCELLO

CIDADE DE PEKIM

Porta do Norte

As ultimas expedições da Inglaterra e da França rasgaram o veu mysterioso, em que se envolvia tenazmente a China, refractaria á luz da civilisação europea. Devemos confessar que alguma razão tinham os chinezes para isso, porque a luz d'essa civilisação tem-lhes relampagueado apenas dos canos das espingardas, e das espadas dos zuavos do imperador Napoleão III e dos soldados da marinha ingleza. A ultima campanha dos alliados levou-os a Pekim, e os chinezes, afferrados aos seus velhos habitos, viram com horror os barbaros europeus profanarem o sagrado recinto da cidade santa. O palacio do imperador foi saqueado pela soldadesca, e a China vio-se obrigada a fazer as mais extraordinarias concessões aos estrangeiros. Pekim deixou de ser uma cidade quasi-legendaria, apenas visitada por um ou outro viajante, por um ou outro missionario mais audaz. Hoje estão desvelados todos os seus mysterios, e, d'aqui a um seculo, talvez os bigodes dos velhos chinezes se erriçarão horrorisados, vendo entrarem as locomotivas fumegantes nas ruas alinhadas da sua velha capital.

Pekim ou antes *Pe-king* está situada á beira do rio You-ho, a distancia de uns cento e cincoenta kilometros da celebre muralha. Este nome de *Pe-king* significa residencia do norte, em contra-posição a *Nan-king*, residencia do sul, onde os imperadores da China habitaram até ao principio do seculo XV. Pekim tem 28 kilometros de circuito. Compõe-se de duas cidades, a meridional e a septemtrional. Aquella, denominada a cidade velha, é habitada pelos chins de velha raça, porque, como os leitores de certo sabem, a dynastia reinante é de origem tartara, e subiu ao throno em consequencia d'uma grande invasão d'esses incomodos vizinhos do immenso imperio, vizinhos contra os quaes se construiu a grande muralha, que é, como veem, bastante imponente. A cidade septemtrional denomina-se cidade dos Tartaros, é de muito melhor construcção do que a antiga, e ainda se subdivide em tres bairros concentricos, separados uns dos outros por muralhas especiaes. Esta cidade dos Tartaros contém vastissimos jardins, pequenas ruas habitadas na sua maxima parte por empregados da côrte, negociantes, e industriaes. Além d'isso alli se ergue o palacio imperial.

O palacio imperial é um immenso quadrado, que tem quatro kilometros de circuito! Rodeiam-n'o muralhas, fossos profundissimos, e tem, dentro do seu recinto, innumerous palacetes e templos, entremeiados de jardins e pateos, de columnatas sumptuosissimas e de maravilhosas galerias. Os aposentos da residencia imperial são vastos e apparatusos, e distinguem-se por nomes campanudos.

N'esse recinto immenso tambem se encontra a imprensa imperial, de cujos prelos sae a *Gazeta do Estado*. Sabem os leitores que a imprensa é conhecida pelos Chinas desde tempos immemoriaes, mas (é este o caracteristico mais notavel das civilisações do Oriente) não deu um passo tal invento, e ainda hoje é applicado na sua rudeza primitiva. Além da imprensa, manifesta-se o gosto

dos monarchas chinezes pela illustração na existencia dentro do seu palacio d'uma rica bibliotheca, e d'um vasto museu de historia natural.

Contem a cidade tartara além do palacio do imperador, muitos edificios notaveis, principalmente mosteiros e templos bouddhistas, e algumas mesquitas; mas a cidade chinesa tambem não ficou privada de monumentos. É alli que se admira o



famoso templo redondo do ceu, coberto por um tecto que forma tres andares, e ornado interiormente de columnas azues matizadas d'ouro. Existem além d'isso alli muitos outros templos, theatros, estalagens, banhos publicos, e lojas brilhantissimas.

Em geral as ruas de Pekim são escrupulosamente alinhadas e muito largas, porém bastantes vezes cortadas por viellas estreitas. Doze vastos arrabaldes rodeiam as duas partes da cidade. As casas são baixas, e d'um só andar. D'ahi proveio naturalmente o attribuir-se-lhe por estimativa muito maior numero de habitantes do que o que realmente conta. Agora que a China está mais conhecida, e que os Europeus se teem posto ao facto dos documentos officiaes, pôde-se ver n'um recensea-

mento feito em 1853 que a sua população é de 1,148,881 habitantes, inferior por conseguinte á população de Londres e de Paris.

O systema politico da China é uma vasta e severissima centralisação; por isso a capital tem uma importancia enorme. Alli residem todas as autoridades superiores; é alli o centro da vida social e politica e do movimento industrial e commercial da China. Uma das causas, que mais concorrem para o desenvolvimento do seu commercio, é o estar ella em communicação com o grande canal.

Possue esta cidade um grande numero de sociedades litterarias, e grande copia de estabelecimentos de instrucção publica, porque a civilisação da China, se bem que destituída de toda a idéa do progresso, se bem que essencialmente con-

servadora, nem por isso deixa de ser muito notavel, e em poucos paizes da Europa está tão desenvolvida a instrucção das classes populares como n'esse grande imperio asiatico.

Este vasto paiz, por tanto tempo cerrado aos Europeus, abriu agora, bem que com timidez e repugnancia, as suas portas; os mysterios da sua civilisação extravagante vão ser revelados, e o pobre Fernão Mendes Pinto, accusado por tantos seculos de mentiroso, vai emfim ser rehabilitado. Era tempo. Se a China continua a ser impenetravel, as *Peregrinações* do honrado portuguez iam occupar um lugar distincto ao lado das *Viagens de Gulliver* phantasiadas peio malicioso Swift.

PINHEIRO CHAGAS.

OS RELOGIOS

N'esta época, em que apenas se fixa a attenção n'esses dous admiraveis descobrimentos, de cujas forças nos servimos para nos transportarmos de um extremo a outro do globo, com a velocidade do raio, e para nos correspondermos com todos os povos, ainda os das mais longinquas regiões, com a rapidez do pensamento; hoje, que só se attende ás empresas positivas e que produzem maiores resultados; mais se devem apreciar as invenções antigas, que á força de se haverem generalisado tem deixado de causar-nos admiração. De outro modo não deixariamos de contemplar com religioso entusiasmo os relógios, essas machinas que contem em si a resolução de um grande problema, e que chegaram a constituir uma das necessidades da vida. Pareceria impossivel que a distribuição exacta do tempo, a regulação fixa e invariavel das horas que formam o dia se podesse fazer por meio de umas rodas que caminham em direcção opposta e cujo andamento se regula com a maior facilidade; e é extremamente sensivel que se não tenha conseguido averiguar quem foram os que prestaram tão importante serviço á humanidade, para os seus nomes serem esculpidos no bronze e até gravados na memoria. Bastantes investigações temos feito acerca d'este assumpto, porem, nada mais temos obtido do que o que consignamos n'esta resenha ou ligeira historia d'este invento.

Desde os primeiros tempos conheceram os homens a precisão que tinham de uma norma fixa e constante que lhes facilitasse o conhecimento do tempo que deviam dedicar ao trabalho, do que bastava para descanso e do que deviam empregar nas outras occupações. Como as artes se achavam então na sua infancia, não podiam a ellas recorrer para lhes proporcionarem o que com tanto anhelo desejavam e, por conseguinte, attentaram no que mais vivamente lhes tinha ferido a imaginação, que eram os astros, e d'aqui provieram os relógios de sol, chamados tambem quadrantes. Duvidou-se por muito tempo de a quem se devia adjudicar a gloria d'esta invenção; Laercio e Suida attribuem-n'a a Anaximandro, que morreu no anno 3457 da creação do mundo e Plinio a Anximenes, discipulo de Anaximan-

dro. Os egypcios e babilonios disputaram a propriedade e outros mais a foram assignalando em diversos tempos. Com tal variedade de opiniões não podemos acertar de uma maneira positiva quando se começaram a usar; no que, porem, não cabe duvida é que anteriormente a 3291 já eram conhecidos, porque vemos na Biblia, livro IV. *Regum*, cap XX, que estando enfermo o rei Ezechias, Isaias, o propheta, fez com que retrocedesse dez linhas a sombra no relógio de Achaz, em signal de que convalesceria.

Algun tempo depois introduziu-se tambem o medir o tempo a pés, do que achamos noticia nos doze livros da *Ré rustica* de Paladio, que viveu no segundo seculo, e que põe a sombra do sol medida a pés em todas as horas do dia. Este modo de contar as horas era summamente gracioso, e hoje, certo, prestar-se-ia a alguns *quidproquos*, pois dizia-se: vou comer tal pé, etc.

Ambos os methodos eram extremamente imperfeitos, porque necessitavam como primeiro agente ou unico mobila presença do sol; porem quando este desaparecia ficavam envoltos na obscuridade que cobria a terra. Foi preciso procurar outro impulso perenne e constante, e cuja auzencia não se podesse temer com facilidade, e nenhum se achou mais a proposito do que a agua, que encerrada em um vaso com um estreito cano no qual se praticava um pequeno buraco, destillava gota a gota, até completar o numero das horas. Este genero de relógios foi introduzido em Roma no anno 595 da sua fundação, por Scipião Nasica: e mais adiante, em 613, aperfeicoou-o Clesibio, construindo uma verdadeira machina hydraulica.

Esta classe denominou-se clepsydra, e d'ella se serviam os gregos e romanos para medir o tempo que deviam durar as causas; para o que distribuam tres porções: uma para o accusador, outra para o accusado e a terceira para o juiz. Cada clepsydra compunha uma hora, segundo parece pelo que diz Marcial, livro VIII, Epig. VII. Na leitura dos processos e leis não corria a agua, e isto era: *Aquam sustinere*, conforme se lê nos auctores d'aquella época.

Os relógios de areia contam tambem muitos seculos de antiguidade; porém não é facil assignalar nem os seus inventores, nem a época da sua introdução. Estes eram usados com preferencia nos mosteiros, e pela noite estava a cargo dos religiosos o cuidado de observal-os para que não-parassem.

Chegámos já á perfeição da arte: vemos o invento em toda a sua latitude prestando-nos o serviço de que necessitavamos, sem que seja preciso auxilial-o senão ephemera e levemente: tocamos em fim a época dos relógios de roda, cujo auctor por desgraça se ignora. Na opinião de alguns pertencem a tempos remotos, pois asseguram que eram d'esta classe os que tinham Boccio, Gilberto, o papa Paulo II, e o que o califa Arão Baschil deu de presente a Carlos Magno em 807.

Parecia em vista d'isto que se tinha chegado ao complemento e que não se podia dar nem mais um passo; mas estava-nos reservado outro novo

assombro. Walindorf, monge beneditino inglês, que morreu em 1325, vendo que nem todas as classes podiam disfructar d'este beneficio, porque era muito dispendioso o poder-se aproveitar d'elle, discorreu o generalisal-o e tornal-o publico, e construiu os relogios de torre com sinos. Alguns attribuem esta invenção a Santiago D. Diniz, natural de Padua, celebre astrónomo, medico e mathematico; mas este não fez mais do que aperfeicoal-a de um modo admiravel; pois em 1344 collocou em a torre do Palacio d'aquella cidade um relogio composto de uma multidão de peças e rodas movidas por uma só peça, que marcava todas as horas, e além d'isso o curso do sol e dos planetas. Este prodigio e esta maravilha da arte attraiu a Padua uma concorrência espantosa, porque os sabios de toda a Europa iam admirar aquella obra tão perfeita, o reflexo vivo das revoluções celestes, aquelle propheta automatico, por assim dizer, e contemplavam-n'o com um religioso enthusiasmo.

Como era natural, depois d'isto excitou-se a curiosidade dos relojoeiros das de mais nações, e em breve começaram a apparecer relogios de todos os feitos e qualidades.

Depois d'esta época não tem havido variações essenciaes na arte, pois ainda que se tenham construido de maior ou de menor latitude e de tamanho menor, augmentando ou diminuindo as rodas, póde considerar-se tudo isto como aperfeioamento da primitiva invenção e não eram cousa nova, pois sempre se tem operado sobre a base d'aquella.

Não ha cousa que mais quebrante animos e linguas serpentinas, que largar-lhes o campo com silencio.

FR. LUIZ DE SOUZA

A GRAVURA EM MADEIRA EM PORTUGAL

III

No rasto luminoso que, em relação á litteratura, deixaram o *Panorama* e a *Illustração*, mais dois ou tres jornaes illustrados pretenderam viver. Morreram, porém, pouco depois de nascerem, no que não fizeram mal, porque eram a negação absoluta da arte, e da grammatica tambem.

É que os momentos que precedem a morte são sempre tristes, e, já se vê, em plena contraposição com as leis da vida. A arte agonisava, e esses jornaes, não podendo servir-lhe de medicos, fizeram-se cargo de simples enfermeiros administrando-lhe a dieta rigorosa, que, segundo a theoria escholar, exigem as doenças graves.

Em presença d'isto, e não havendo, em taes casos, tribunal para onde appellar, passaram, Bordalo Pinheiro a gastar os lapis, que ainda lhe restavam, em as notas provisórias das despezas domesticas, e Coelho a encorajar os buris, para que não lhes desse a ferrugem. Em seguida cruzaram os braços e deixaram-se dormir. . . para a arte.

Dormiram muito, e dormiriam eternamente, talvez, se o sonho, que é o inimigo mais zombeteiro dos desenganos da realidade, não viesse alentar-lhes o espirito desfallecido. Bordalo e Coelho sonharam. . . que estavam desenhando e gravando para um jornal, de que elles proprios eram os editores, e do qual fruiriam prodigiosas consolações para o seu coração d'artistas, bem como para a sua bolsa de homens que não viviam da graça, nem vestiam pela moda de Venus de Canova. No quadro

lisongeiramente colorido da sua phantasia, viam-se elles, á sombra de um grande ramal de loiros, trabalhando sentados sobre uma burra, não das que alimentam tisticos, senão das que vivificam usurarios: e tão excessiva foi, por isso a sua commoção, que n'este ponto acordaram.

Para outros, acharem-se nas suas cadeiras de velha e arrombada palhinha, á sombra dos curvos e carunchosos tectos do prosaico lar domestico, seria obra para desesperar: para Bordalo e Coelho, que eram artistas de bom gosto, foi objecto de galhofa. A caricatura, que a vida positiva acabava de fazer á vida da imaginação, tinha realmente graça, e os dois amigos soltaram uma estrondosa gargalhada.

D'esta gargalhada é que nasceu a realisação da primeira parte do sonho.

— Não será isto um aviso da providencia? disse Coelho, rindo ainda.

Bordalo respondeu espivitando o charuto, que n'este comenos estava quasi apagado.

— Olha lá! continuou Coelho. Publiquemos um jornal?

— Publiquemos. . . E o dinheiro. . . e o redactor, observou Bordalo Pinheiro, puchando uma grossa fumurada.

— O redactor, arranja-se já; agora o dinheiro está na algibeira dos assignantes, e so com o jornal poderemos de lá saccal-o.

— Parece-me, exclamou Bordalo, rindo-se como se riam os antigos velhos de cabelleira, que tens por cá andado n'estas coisas, com a cabeça na lua! . . . Mas. . . estou ás tuas ordens.

Coelho apertou-lhe a mão, e foi logo procurar o seu amigo Pereira d'Almeida, apreciavel escriptor, já por mais de uma vez feliz na direcção e collaboração litteraria de diversas publicações, e, communicando-lhe o intento, convidou-o a associar-se na qualidade de redactor principal. Amador, e, o que é raro em amador, entendedor tambem de boas-artes; gosando já na perspectiva de ver o seu nome e o seu esforço vinculados n'um impulso em que via os mais fecundos auspicios para a propagação e desenvolvimento da gravura em madeira, Pereira d'Almeida dispoz-se, com toda a abnegação do apostolado, a sacrificar o interesse á gloria, e accitou o convite.

Passados poucos dias, sahia á luz o primeiro numero de um novo jornal illustrado, com o titulo modestissimo de *Revista Popular*.

IV

Este jornal não parecia haver nascido de um longo interregno artistico. Tão desenvolvida e animada se apresentava agora a gravura em madeira, que ninguem diria ser o remedio o ocio, a somnolencia e a inercia.

Postoque, vestindo ainda de franja; não tendo perdido o amor ao insipido e monotono systema do parallelismo, o traço, até então desengraçadamente irregular e terminando, umas vezes, á maneira de cabellos hirtos, outras, como pello crestado, em forma de virgula, ou de ponto de interrogação, era, ao menos, mais nitido no laço, mais uniforme no capricho das ondulações, mais graduado nas cambiantes do claro-escuro. O desenho geral tinha uma certa correcção, e as composições accusavam esforço de gosto e iniciativa.

Pela primeira vez apparecia entre nós um romance original illustrado. Essa coroa deixou-a o destino cair, pelo lapis de Bordalo Pinheiro, sobre as paginas viçosas dos primeiros numeros da *Revista Popular*. Os dois artistas tinham effectivamente dado um passo gigante no progresso da gravura em madeira, e por tal passo mostravam que poderiam dar todos quantos precisos fossem para chegarem ao nivel das illustrações estrangeiras d'aquella época, se o paiz os houvesse ajudado em tão comprido e ingreme caminho.

Como, porém, a fortuna, por ser cega, não póde ler, continuava a fugir de jornaes, e os desejados assignantes, que só atraz d'ella correm, fugiam, por consequencia, tambem. Apesar de não convergonhar, não tinha a pobre *Revista* quem lhe desse o braço, senão os amadores; mas esta gente admiravel, que anda em cata de tudo sem

largar o fardo immenso dos seus idolos, sempre assáz sufficiente para sustentar um viveiro de canarios, não chega nunca para cobrir as despezas superiores ao custo de dois ovos e um pão de ló. Para completar tamanho desfavor, o povo não acceitava a invocação do titulo.

Era caso para desesperar. Preso por ter cão; preso por não ter cão.

Que fazer? Nenhum dos empregarios tinha coragem bastante para propor a applicação da pena de morte á innocente *Revista*. E, comtudo, não parecia haver outro expediente. As semanas succediam-se, a bolsa estava vazia, e da burra do sonho, nem sequer o casco se tinha podido comprar. O problema exigia prompta resolução. Suspende a publicação; equivalia a declaral-a morta. Os jornaes, suspensos são, quasi, como os reis desthronados. Raras vezes voltam. No meio d'estas terriveis oscillações, lembraram-se de passar o infeliz semanario para as mãos de um homem monetario. Mas os homens monetarios do nosso paiz não amam senão o toucinho e seus correlativos. Letra redonda, compram-n'a só para embrulhar. Portanto, uma tal idéa era, talvez, a peor de todas.

— Não te dizia? exclamava, de vez em quando, Bordalo Pinheiro para o seu collega, com ares de triumpho e um certo sorriso, de que, já de ha muito, Coelho gostava pouco. Não te dizia que tinhas trabalhado com a cabeça na lua?

— E agora? perguntava Coelho, encolhendo os hombros, e tomando uma grande pitada.

— Agora?... Choremos, como bons paes, visto parecer-me que já morreu.

— Não morreu ainda, disse, apparecendo inesperadamente, Pereira d'Almeida, com a accentuação inalteravel da sua habitual tranquillidade.

E assim era. Pereira d'Almeida trazia a receita infallivel para a cura radical da enferma. Acabava de negociar a propriedade da *Revista* com Fradesso da Silveira, que, desde muito, pensava na publicação de um jornal illustrado com gravuras em madeira.

(Continua)

NOGUEIRA DA SILVA.

O que se dá pedido e rogado já custa tanto como comprado.

FR. LUIZ DE SOUZA.

BEATRIZ

XV

Jacques sabia tudo; a sua amante
Soffria o vil castigo, a pena infame
Que a cegueira dos homens lhe impozera.
Chorou, coitado!— o pobre amesquinhou-se,
Quiz morrer de pesar, porém não pode.
Ella expirava só,— ella, tão moça,
Tão linda, que rasgava os seios d'alma
Ve-la penar assim; nem uma lagrima
Podera derramar, nem um gemido
Desprendera sequer; pasmada e louca,
Incerto o olhar, as faces maceradas,
Erma com a sua dor, sem voz, sem força,
Luctando peito a peito com o gigante
Da amargura cruel, sentia apenas
Vacillar-lhe a rasão naquelle embate.
E fugio-lhe,.... ai de mim!... deixai que o pranto
Corra em meus olhes tristes, que um momento
Orvalhe as rosas murchas desse affecto,
Que acerba magoa me lacere o peito
Costumado a bater convulso e forte
De amor, de ceo, de luz, de aroma e vida,
Deixai, deixai,.... que em breve eu torno aos cantos!...

Poucos mezes depois partio o conde.
Para onde foi, não sei; dizem, comtudo,
(E eu creio), que, sem mais, puzera termo
A crua dor que lhe pungia a vida.
Jacques tinha perdido, a pouco e pouco,

Aquella vaga sombra de tristeza
Que lhe toldava o rosto; começava
A metter pé no mundo como d'antes,
E mais de uma aventura escandalosa
La correndo, então de boca, em boca.
Se era ou não era fel que as linguas torpes
Deitavam sobre elle, não affirmo
Porque não quero errar; mas sei, mas juro
Que alguns mezes depois d'estas noticias
Terem lavrado já, quando a saudade
Inda devia ardente compungir-lhe
Inteiro o coração, feliz e amado,
Elle contava as horas da existencia,
Ebrio de amor, no seio d'outra pomba!—

XVI.

Eia, gosemos! pela florea taça
Beba-se o nectar d'eternal prazer;
A densa nuvem que troveja e passa
Nem uma sombra nos vem dar sequer.

Gosemos sempre! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que despontam já;
Que tem, que importa se um montão de neve
Rosaes inteiros sepultando está?...

Que tem que as faces da mulher perdida
Vão definhando na amargura atroz?...
Somos convivas no festim da vida:
Ergamos todos n'um só canto a voz!

Voa minha alma, pelo espaço em fora,
Tu és o aroma que respira a flor;
Deixa este mundo que se prostra e chora
Voa minha alma, procurando amor!

Não falta um dia em que infernal desgraça
Azede o nectar que nos dá prazer:
O goso e fumo que se esvae, e passa
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos tudo! que o prazer resplenda
Em quanto a aurora mil lampejos tem;
Basta que um dia sobre nós se estenda
A sombra eterna que divaga além!

E. A. VIDAL.

As causas excessivamente intensas produzem
effeitos contrarios. A dor faz gritar, mas se he
excessiva faz emmudecer; a luz faz ver, mas se he
excessiva cega; a alegria alenta e vivifica, mas se he
excessiva mala.

P. ANTONIO VIEIRA.

O engano tem dentes alvos e mordedura vene-
nosa. Como serpente, contenta pera magoar, e
alegra pera intristecer.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Tam indecente he sair da bocca de um homem
de alto lugar e nobre criação uma palavra rustica
e mal composta, como de uma bainha de ouro ou
rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

Se andassemos sobre aviso ligeiramente enten-
deriamos tudo, ou parte do que nos está para vir.

B. RIBEIRO.

A boa fama é a melhor herança que ha no mundo.

B. RIBEIRO.